

Poesia na Clínica: O Uso Arteterapêutico do Poema A Flor e a Náusea, de Carlos Drummond de Andrade

Marcos Paulo da Silva Soares¹

PPG-CR – UFPB/Sacratum

Resumo: O papel da arte literária tem mudado de acordo com o passar das eras. Na antiguidade, vê-se sua relação com a religião, ofuscando ou engrandecendo-a, e a filosofia, servindo como uma das plataformas textuais usadas. Em meados do século XIX, fala-se sobre o conceito de “arte pela arte” que limitou sua rede de relacionamento. Atualmente, afirma-se ser possível atribuir novas funções à literatura: promover prazer e servir de ferramenta para áreas novas como a psicologia. Este uso, contudo, não é novo. A frase “A leitura, medicina para o espírito” já aparecia na entrada da biblioteca de Tebas, por volta do ano 1000 a.C. Na Idade Média, tanto em hospitais judeus quanto árabes, leituras de seus respectivos livros sagrados eram realizadas como terapia. No início do século XX, Samuel Crothers, em um artigo intitulado *Literacy Clinic*, dizia ser a biblioterapia uma ciência tão nova que não seria admirável haver tantas opiniões errôneas sobre a mesma. O presente trabalho pretende discorrer sobre as noções básicas acerca da arteterapia e da biblioterapia, apresentando suas definições e métodos. Esta última pode ser classificada como uma divisão da primeira. Por causa disso, deter-se-á mais na terapia pelos livros. Há seis passos usados na aplicação da literatura ao tratamento das emoções: catarse, identificação, introjeção, projeção, introspecção e compensação. A fim de se exemplificar sobre a biblioterapia, optou-se pelo gênero textual poema, com a poesia A Flor e a Náusea, do escritor mineiro, radicado no Rio de Janeiro, Carlos Drummond de Andrade. A análise feita focaliza o uso da biblioterapia com adultos com dificuldade de relacionar-se com seus pares.

Palavras-chave: biblioterapia, Carlos Drummond de Andrade, função terapêutica, leitura, poesia.

1 Introdução

O papel da literatura tem mudado de acordo com o passar das eras. Na antiguidade, vê-se sua relação com a religião, proibindo-a ou sendo seu único paradigma, e a filosofia, muitas vezes, sendo a plataforma textual onde esta era veiculada. No século XIX, fala-se sobre o conceito de “arte pela arte”, ou seja, focalizar a própria arte, distanciar-se dos problemas sociais, limitando a rede de atuação da mesma. Atualmente, voltar-se a atribuir outras funções à literatura que não sejam apenas o prazer estético, isto é, o servir de ferramenta para outras áreas, antigas, como a teologia, ou novas, como a psicologia.

A frase “A leitura, medicina para o espírito” já aparecia na entrada da biblioteca de Tebas, por volta do ano 1000 a.C. Na Idade Média, tanto em hospitais judeus quanto árabes, leituras de seus respectivos livros sagrados eram realizadas como terapia. No início do século XX, Samuel Crothers, em um artigo intitulado *Literacy Clinic*, declara ser a biblioterapia uma ciência tão nova que não seria admirável haver tantas opiniões errôneas (ABREU, 2013).

¹ Licenciado em Letras-Português pela Universidade Federal do Ceará, Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo e Mestrando em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba.

O presente trabalho pretende discorrer sobre noções básicas acerca da arteterapia e da biblioterapia, apresentando suas definições e métodos. Esta última pode ser classificada como uma divisão da primeira. Por causa disso, deter-se-á mais na terapia pelos livros. Há seis passos usados na aplicação da literatura ao tratamento das emoções: catarse, identificação, introjeção, projeção, introspecção e compensação. Diversas especialidades têm sido palco no exercício dessa terapia: grupos etários (crianças – jovens – adultos – idosos), grupos com doenças físicas e/ou psicológicas (câncer, depressão, esquizofrenia, pessoas com dificuldades em lidar com problemas etc.), grupos sociais (adultos detentos, delinquentes juvenis, filhos de pais divorciados, pessoas com dificuldades de lidar com ajustar-se ao convívio social etc.).

Os gêneros textuais abordados na biblioterapia vão desde a poesia, passando por mitos, romances, novelas, contos (os de fadas, recebem grande atenção), crônicas etc. Para o presente trabalho, optou-se pela poesia, elegendo-se o poema A Flor e a Náusea, do escritor mineiro, radicado no Rio de Janeiro, Carlos Drummond de Andrade. A escolha desse autor deve-se ao seu “lirismo que permite a reflexão sobre o mundo e, principalmente, do estar no mundo. [...] Ele representa ainda hoje a tranquila maneira de debochar, ironizar e brincar com os problemas e crises da sociedade” (ALVES, 2007, p.1). A análise feita focaliza o uso da biblioterapia com o grupo: (i) etário adulto, (ii) com dificuldade de lidar com problemas e (iii) com o convívio social.

2 Arteterapia

Segundo o site da IBART² arteterapia é “um método de diagnóstico, tratamento e profilaxia³ na qual a linguagem artística é utilizada como instrumental através do desenho, pintura, modelagem, construções, colagem, música, dança, teatro e literatura sendo importante recordar que arteterapia não é aula de arte”. Como método terapêutico, é amplamente utilizado na Europa, América do Norte e outros países, como o Japão, há mais de 50 anos. A psicóloga Joya Eliezer é uma das pioneiras na aplicação da arte no contexto terapêutico no Brasil, afirma o mesmo site.

Esse procedimento terapêutico é visto como uma reflexão sobre a maneira de abordar e de habituar o poder curador da arte, do imaginário e dos corpos em nossa vida, ou ainda,

²Instituto Brasileiro de Arteterapia.

³ Parte da medicina que tem por objeto medidas adequadas para prevenir ou evitar doenças (Dicionário eletrônico Aulete, in: <http://www.aulete.com.br/profilaxia>, acesso em 10 out 2017).

“uma medicina da alma, uma via natural de cura psicoespiritual que favorece a autonomia e o gerenciamento das pessoas por elas mesmas”(DUSCHASTEL, 2010). Inspirada em concepções junguianas⁴ tais como (i) a teoria dos dois tipos de personalidade (a introvertida e a extrovertida), (ii) a hipótese da existência de duas formas de inconsciente (a pessoal e a coletiva), (iii) o conceito de *persona*, isto é, “a máscara que cada um de nós porta para entrar em contato com o mundo exterior e que permite proteger o *si* profundo” (p.38), a arteterapia explora ludicamente a arte visual, a música, a dança ou a arte dramática como meios naturais e acessíveis “a todos de se libertar do peso dos não ditos e de permitir à consciência iluminar sua existência novamente”(p. 12).

Chegar a essa libertação é possível já que a alma revela suas feridas mais profundas e, ao mesmo tempo, entrega seus segredos de autocura pela linguagem do imaginário. Esta linguagem é constituída de imagens criadas espontaneamente nos sonhos, nas visualizações, nos contos, nos jogos e nas produções artísticas humanas. Assim, o imaginário é a linguagem da alma, que como uma totalidade psíquica compreende o consciente e o inconsciente, além de ser o princípio ao redor do qual o ser é organizado. Essa linguagem é essencialmente poética, metafórica e pode ser confundida com algo hermético por aqueles que a observam pela primeira vez (DUSCHASTEL, 2010).

O profissional por trás dessa área é o arteterapeuta, que tem o papel não de interpretar as imagens de seus clientes, mas de ajudá-los a cuidar delas. Destacam-se aqui os termos “interpretar” e “cuidar”, o primeiro usado para lembrar que, sendo o imaginário “uma linguagem codificada”, não é possível compreendê-lo exhaustivamente pelo pensamento lógico; o último, para reafirmar que a extensão do imaginário só pode ser compreendida com o toque do coração, pois o mesmo conduz a um lugar amplo e grandemente desconhecido (DUSCHASTEL, 2010).

3 Biblioterapia

Dentre as manifestações da arteterapia, escolheu-se a que ocorre através da literatura, chamada por alguns de biblioterapia, isto é, “a terapia por meio da leitura de textos literários” (CALDIN, 2001). Guttmann declara: “Para os poetas, as palavras são sopros de possibilidades, são momentos de intenso e exclusivo encontro, necessidade e salvação” (2011,

⁴Embora sejam usadas outras abordagens psicanalíticas adaptadas ao propósito de cada estudioso da arteterapia.

p. 56). A poesia, ainda que fale de questões, valores e experiências profundamente individuais, tem afinidade com questões alheias ao próprio eu. Por isso, há o envolvimento e a identificação humanos com as histórias. A terapia pelas palavras revela “surpreendentes verdades vestidas de emoções e encantos, através da sensibilidade, sutileza e absoluta fluidez” deste seu veículo (p.58).

Como prática terapêutica, a biblioterapia traz benefícios como: (i) a fomentação da independência do paciente e o seu papel ativo no processo terapêutico ao ter que receber, inferir e descobrir a mensagem do texto; (ii) a redução da resistência do indivíduo em terapia; e (iii) a aceitação dos relatos literários como uma intervenção não invasora (LLUCH, 2008). Além disso, há também exigências para seu uso: (i) familiaridade do condutor da leitura com a literatura que for utilizada; (ii) conhecimento da extensão e complexidade do referido texto; e (iii) necessidade de não ser usada isoladamente, mas complementarmente a outras técnicas (ROSA, 2006).

Além das características amplas da arteterapia apresentadas acima, o uso da biblioterapia exige alguns passos: *catarse, identificação, introjeção, projeção, introspecção e compensação*. O primeiro é retirado da Poética, de Aristóteles. Tomada por empréstimo da medicina, o termo significa purificação do corpo pela retirada de elementos nocivos, ele é empregado com novo significado: purificação psicológica e intelectual resultante da apreciação teatral. Na biblioterapia, o termo tem o sentido de pacificação, serenidade e alívio das emoções por meio da leitura de textos literários: romance, novela, conto, crônica etc. Durante, essa primeira etapa, é processada a liberação de emoções (CALDIN, 2001).

A identificação, o segundo passo, ocorre quando o receptor da obra literária se identifica com a personagem, situação ou intriga presentes no texto e que proporcionam o desabrochar da afetividade. Os terceiro e quarto passos, a introjeção e projeção falam respectivamente das ideias e emoções presentes nos personagens ou no eu lírico que serão absorvidos pelo leitor, e das más ideias e emoções que serão expelidas do íntimo do mesmo. Conseguido isso, no passo seguinte, a introspecção, ocorrerá a análise ou reflexão interior que se fará dos pensamentos e atitudes objetivando a mudança de comportamento, que inclui a aceitação de si mesmo. Finalmente, na compensação, o imaginário deverá suprir o real quanto a debilidades e revigorará as habilidades emocionais (CALDIN, 2010).

4 O Texto Literário: Poesia

A poesia é o formato literário escolhido para exemplificar a biblioterapia. O diálogo entre poesia e clínica é atividade viável, uma vez que os poetas são, por definição, artistas – seres sensíveis às questões mais profundas da alma – que possuem alguma intimidade singular com as palavras, aproximando as pessoas um pouco mais daquilo que se pode experimentar como não palavras (MORAES, 2015). Para realizar esse diálogo, escolheu-se a poesia drummondiana.

Esta poesia impacta por retratar a(s) crise(s) humana(s), basta uma rápida leitura do poema escolhido, ‘A Flor e a Náusea’, por exemplo, para se constatar isso. Termos e expressões como ‘melancolias’ (verso 3), ‘tédio’ (verso 14), ‘ajudem a viver’ (verso 24), ‘meu ódio é o melhor de mim’ (30) e ‘pânico’ (verso 46) servem para atestar essa declaração.

Embora deva se evitar o academicismo, por trás de “interpretações intelectuais prematuras e reducionistas” no exercício da arteterapia por meio da literatura, uma vez que estas “fecham a imagem, a aprisionam em uma ideia parada e, assim, a matam” (DUCHASTEL, 2010, p.55), serão dadas algumas explicações introdutórias sobre Drummond e a obra fonte do poema escolhido. Composto de nove estrofes, e 47 versos, ‘A Flor e a Náusea’, parte da obra *A Rosa do Povo*, publicada em 1945, é formada por versos brancos, ou seja, de métrica irregular. Achcar agrupa temáticas comuns à poesia drummondiana que são recorrentes no processo da arteterapia (1993, p. 14):

- ‘o indivíduo’ - que exprimem a visão que o autor tem de si como ser humano;
- ‘a tentativa de uma visão da existência’ - expressões da vivência concreta do poeta itabirano que questionam e conjecturam sobre a existência, o ser e o estar no mundo;
- ‘os exercícios lúdicos’ - que, muitas vezes, com a aparência simples e pueril, ‘escondem’ profundidade e reflexão.

Há ainda, o tratamento dado à ‘natureza e função da poesia’, que, embora aparente ser uma característica apenas literária, focaliza as dificuldades de expressão que o poeta encontra, exemplificando particularidades encontradas pelas terapias. Dadas as devidas orientações acerca da arteterapia, biblioterapia e a poesia do itabirano, passar-se-á para uma análise poética das estrofes 1-4 e 7-9, de A Flor e a Náusea, de Carlos Drummond de Andrade (2003, p. 27-28) fazendo a ponte sobre seu uso biblioterapêutico.

- Primeira estrofe:

Preso à minha classe e a algumas roupas,

vou de branco pela rua cinzenta.

Melancolias, mercadorias espreitam-me.

Devo seguir até o enjoo?

Posso, sem armas, revoltar-me?

O eu lírico encontra-se duplamente ‘preso’ (‘em sua classe’ e ‘em suas roupas’). Esta é uma prisão material; aquela, imaterial. A primeira é descrita indefinida e quantitativamente (‘algumas’), sugerindo uma estilo de vida mediano. A segunda descrita qualitativamente (‘branco’), cor cuja tonalidade é contrastada com a opacidade das ruas ‘cinzentas’. Aqui são apresentadas testemunhas incomuns: ‘melancolias’ e ‘mercadorias’ assistindo ao transeunte discretamente, mas de forma indireta (‘espreitam’).

A humilhação do ‘estar preso’, do ser espreitado por desaprovação ou distanciamento culmina no enjoo. É marcante perceber a opressão psicológica pela qual se passa e que desencadeia uma consequência física. Após essa sensação desagradável, seguem-se outras duas, também nada estimulantes, a impotência diante de um fato (“Posso... revoltar-me?”) e desguarnecimento (“sem armas”): o deixar o isolamento e o procurar uma conexão com algo além de si. Esse indivíduo pode ser entendido “como alguém descompromissado com a realidade, pois no momento em que sente o enjoo, sente por estar isolado da sociedade e procura buscar uma conexão com coletivo” (ALVES, 2007, p. 6). Longe de traumatizar, a descoberta da condição humana na esfera do imaginário, ou seja, na esfera da representação auxilia a desfocar-se do próprio sofrer por chamar a atenção ao sofrimento do poeta. Essa é uma importante ação catártica na busca da tranquilidade da psiquê (CALDIN, 2004).

- Segunda estrofe:

Olhos sujos no relógio da torre:

Não, o tempo não chegou de completa justiça.

O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.

O tempo pobre, o poeta pobre

fundem-se no mesmo impasse.

Não há nenhuma marca de personalidade presente, exceto o que está demonstrado indiretamente nas expressões: ‘olhos sujos’, ‘poeta pobre’ e nas descrições referentes ao tempo. O que não significa a inexistência da presença do eu lírico; pelo contrário, note-se a presença de termos sensoriais e expressões relacionadas ao campo semântico das emoções:

- ‘o tempo... de completa justiça’ – a noção de desejo;
- ‘... não chegou’ – a noção de decepção;

- ‘o tempo é nada’ – a noção de incompletude;
- ‘o tempo é de fezes’ – o sentido do(a) visão/olfato;
- ‘o tempo é... de maus poemas’ – o sentido da audição;
- ‘o tempo é... de alucinações’ – o sentido da visão.

O tempo e o poeta são qualificados uniformemente (‘fundem-se’ e ‘pobres’) identificando-os como participantes do mesmo drama: uma pessoa em buscar de inserir no tempo e no espaço de seus semelhantes (ALVES, 2007). No entanto, nessa adição não se aumenta; pelo contrário, permanece-se em um estado de incompletude (‘no mesmo impasse’). Tem-se aqui uma boa ocasião para se trabalhar a introjeção (o leitor traz para si o padecer do eu lírico) e a introjeção (embora não haja nada a ser identificado e expelido de si, fica a expectativa de que o eu lírico busca isso). Nesse desejo por equilíbrio, o leitor é convidado a refletir sobre sua própria situação (introspecção) e a equilibrá-la (catarse).

- Terceira estrofe:

*Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas consideradas sem ênfase.*

Por que o eu lírico deseja explicar-se? Ainda que o fizesse, quem o ouviria? Alves (2007), afirma que ‘muros surdos’ substituem as pessoas ‘surdas como muros’. Na tentativa de comunicar-se, ressalta-se a profunda solidão e indiferença vivenciadas. As palavras sob cuja pele ‘há cifras e códigos’ são marcas de uma despersonalização, não há nervos, carne, veias e sangue. Em um cenário de decepção (‘frustração em não poder expressar/ser ouvido’ e ‘necessidade/incapacidade de codificação’), uma luz aparece. Uma luz não, o próprio sol que traz ‘meia esperança’ (‘consolo, mas sem renovação’). Mesmo que o objeto da expectativa não se realize, cresce, através da introjeção, a expectativa de libertar-se no leitor.

- Quarta estrofe:

*Vomitare esse tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres mas levam jornais
E soletram o mundo, sabendo que o perdem.*

Aqui, apresenta-se um acúmulo: o retraimento, a intimidação e a incapacidade vistos na 1ª estrofe, associados à incompletude e ao valor diminuto do ser na 2ª estrofe, intensificados pela irrealização de expectativas na 3ª estrofe produzindo o vômito do tédio

sobre a cidade. O efeito catártico é enorme. A seguir, revisa-se alguns fatores e adiciona-se outros igualmente responsáveis pelo mesmo tédio: Uma vida incompleta (‘nenhum problema resolvido... colocado’) sem nenhum relacionamento (‘Nenhuma carta escrita nem recebida’), apesar de um bom tempo de vida decorrido (‘Quarenta anos’). Isso não poderia gerar outra coisa a não ser o conjunto de elementos de linguagem baixa como o presente ‘vomitar’ e os anteriores “enjoo, fezes, nojo”, mostrando o “tom grave, elevado e voltado para aspectos sérios e problemáticos da vida” (Alves, 2007).

Novidades, contudo, surgem: O mundo que até agora era aparente e exclusivamente habitado pelo eu lírico revela outros habitantes (‘Todos os homens’) bem ativos (‘volta’, ‘levam’ e ‘soletram’), mas que continuam carentes de significado, de relacionamentos (‘Estão menos livres’ e ‘sabendo o que perdem’). Outro efeito da introjeção é apontado: “há outros com que se relacionar”, porém exige-se de si mesmo e dos outros (perceba a projeção apresentando-se) para a compensação tão almejada.

- Sétima estrofe:

Uma flor nasceu na rua!

Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.

Uma flor ainda desbotada

ilude a polícia, rompe o asfalto.

Façam completo silêncio, paralisem os negócios,

garanto que uma flor nasceu.

O nascimento da flor é recebido com admiração (a quarta estrofe sugere que ela nasce do vômito expelido). Ainda que nascida de modo repugnante, a flor desperta boas emoções (o otimismo visto em ‘garanto’) que se desdobram em ações enérgicas (‘Passem’, ‘façam’ e ‘paralisem’) por parte do eu lírico, evitando que o mesmo caia em ostracismo. Troca-se o aprisionamento inicial pelo desejo e liberdade em agir – efeitos catárticos. Após esse incitamento angustiante, o objeto que traz toda a mudança, produz ainda ações adversas: ‘ainda desbotada’, mas já capaz de ‘iludir’ e ‘romper’ instituições (‘a polícia’) e estruturas (‘o asfalto’).

- Oitava estrofe:

Sua cor não se percebe.

Suas pétalas não se abrem.

Seu nome não está nos livros.

É feia. Mas é realmente uma flor...

A alegria vinda pelo nascimento da flor não está isenta de incompreensão. Esta flor é destituída de cor, está mal desenvolvida (“Suas pétalas não se abrem”), é desconhecida (“Seu nome não está nos livros”) e é feia. O efeito catártico está bem marcado aqui: As emoções negativas são aceitas como reais; contudo, não se perde a esperança de algo mudará. Inspira-se mais uma vez à introspeção.

- Nona estrofe:

*Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.*

Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.

Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.

É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

O rejuvenescer das forças do poeta capacita-o a *montar guarda* (‘Sento-me no chão’) e proteger a improvável flor (‘lentamente passo a mão nessa forma insegura’). Embora tenha chegado até aqui transformado, ainda há tempestades a enfrentar (‘nuvens maciças se avolumam’), que trazem perturbações (‘Pequenos pontos brancos movem-se no mar’ e ‘em pânico’). Todavia, a mudança do eu-lírico ocorreu: a flor inesperada, feia, venceu o material (‘Furou o asfalto’) e o imaterial (‘Furou... o tédio, o nojo e o ódio’). O imaginário poético ensina ao leitor seguir avante, mantendo-se firme, liberto das emoções que o aprisionavam; preparado, todavia, para novas adversidades.

Conclusão

A biblioterapia como prática terapêutica estimula tanto o intelecto quanto às emoções. Utilizando a catarse como um de seus passos, conclui-se que a leitura ou a narração de textos literários permite a redução do medo e da ansiedade em grupos de adultos que apresentam essas características. Muito do desempenho da biblioterapia depende do uso da linguagem do imaginário; no entanto, ela não é uma atividade evasiva, pelo contrário, por meio dessa linguagem optem-se uma melhor compreensão da realidade.

Ao identificar-se com o eu lírico do poema, o indivíduo em tratamento pode vivenciar situações, às vezes, impossíveis na vida real, outras vezes, insuportáveis se o fizesse diretamente no convívio social. A poesia de Drummond é ideal para o grupo restrito a que se propõe o trabalho, uma vez que não só o descontentamento diante do mundo e das pessoas, mas também a solidariedade diante das frustrações e das esperanças humanas resultam na criação da melhor poesia social brasileira.

Referências

ABREU, Ana Cristina *et alli*. **Biblioterapia**: estado da questão. n. 1/2, Revista da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 2013. In: Disponível em <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/1033/1049>, acesso em 9 out 2017.

ACHCAR, Francisco. **A Rosa do Povo & Claro Enigma**. Roteiro de Leitura. São Paulo: Ática, 1993.

ALVES, Izandra. **O lirismo de Drummond em “A flor e a náusea”**. In: Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Porto Alegre, volume 03, número 2. - jul/dez 2007.

ANDRADE, Carlos Drummond. **A Rosa do Povo**. 27ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A leitura como função terapêutica**: Biblioterapia. In: Encontros Biblio: Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, p. 32-44, número 12, dezembro de 2001. Disponível em <http://www.redalyc.org/html/147/14701204/>, acesso 10 out 2017.

----- . **A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças**. In: Encontros Biblio: Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, p. 72-89, número 18, jul-dez de 2004. Disponível em <http://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=14701806>, acesso 10 out 2017.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO CALDAS AULETE, in: <http://www.aulete.com.br/>, acesso em 12 out 2017.

DUCHASTEL, Alexandra. **O Caminho do imaginário**: O processo de arte-terapia. São Paulo: Paulus, 2010.

GUTTMANN, Mônica. **O imaginário da criança dentro de nós**. São Paulo: Paulus, 2011.

LLUCH, Pilar Carrasco. **Estudio del valor terapéutico de la literatura infantil em niños hospitalizados**. Murcia – Espanha: Universidad de Murcia, 2008 (tese de Doutorado).

MORAES, Eliana. **Teoria, Poesia e Clínica** – diálogos em arteterapia, in: <http://nao-palavra.blogspot.com.br/2015/06/teoria-poesia-e-clinica-dialogos-em.html>, acesso em 12 out 2017.

ROSA, Aparecida. **As cartas de Ana Cristina César: uma contribuição para a Biblioterapia**. Três Corações – MG: Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, 2006 (Dissertação de Mestrado).

Sites:

<http://www.ibart.com.br/eco1.htm>, acesso em 12 out 2017

